

MEU CREDO PEDAGÓGICO

John Dewey

School Journal vol. 54 (jan/1897), pp. 77-80 ¹

traduzido do inglês por Bruna T. Gibson
em novembro de 2005

Artigo I. O que é a Educação

Eu acredito que toda educação acontece com a participação do indivíduo na consciência social da raça. Esse processo se inicia inconscientemente quase com o nascimento, e está continuamente modelando os poderes do indivíduo, saturando sua consciência, formando seus hábitos, treinando suas idéias e estimulando seus sentimentos e emoções. Através dessa educação inconsciente o indivíduo gradualmente passa a partilhar dos recursos intelectuais e morais que a humanidade conseguiu reunir. Ele se torna um herdeiro da capital consolidada da civilização. A educação mais formal e técnica do mundo não pode se afastar com segurança desse processo geral. Só pode organizá-lo ou diferenciá-lo em uma direção particular.

Acredito que a única educação real vem através do estímulo dos poderes da criança pelas exigências das situações sociais nas quais ela se encontra. Através dessas exigências ela é estimulada a agir como um membro da unidade, a emergir de sua estreiteza de ação e sentimento original e a considerar-se a partir do ponto de vista do grupo ao qual ele pertence. Através das respostas dos outros às suas atividades, ela passa a saber o que elas significam em termos sociais. O valor que essas ações têm é refletido de volta para ela. Por exemplo, através da resposta às suas balbúrcias instintivas, a criança passa a saber o que elas significam; elas se transformam em linguagem arti-

¹ <http://dewey.pragmatism.org/creed.htm>

culada e, desse modo, a criança é introduzida à riqueza consolidada de idéias e emoções que estão agora resumidas na linguagem.

Acredito que esse processo educacional tem dois lados - um psicológico e outro sociológico; e que um não pode ser submetido ao outro ou negligenciado sem ocasionar prejuízos. Desses dois lados, o psicológico é a base. Os próprios instintos e poderes da criança fornecem o material e marcam o ponto de início de toda a educação. A não ser que os esforços do educador se conectem a alguma atividade que a criança esteja realizando por sua própria iniciativa, independente do educador, a educação se reduz a uma pressão exterior. Ela pode, de fato, alcançar certos resultados exteriores, mas não pode ser verdadeiramente chamada de educativa. Sem o *insight* da estrutura e atividades psicológicas do indivíduo, o processo educativo será, portanto, aleatório e arbitrário. Se por acaso coincide com a atividade da criança, irá alavancá-la; se não, irá resultar em atrito, desintegração ou aprisionamento da natureza da criança.

Acredito que o conhecimento das condições sociais, do estado presente da civilização, é necessário para que se consiga interpretar adequadamente os poderes da criança. A criança tem seus próprios instintos e tendências, mas nós não sabemos o que eles significam até os traduzirmos para os seus equivalentes sociais. Devemos ser capazes de rastreá-los até um passado social e vê-los como a herança das atividades anteriores da raça. Também devemos ser capazes de projetá-los para o futuro, para ver quais serão seus resultados e fins. Na ilustração utilizada, é a habilidade de ver nas balbuciações da criança a promessa e a potência de um futuro intercurso e conversação sociais que nos possibilitam lidar com esse instinto da maneira adequada.

Acredito que os lados psicológico e social estão organicamente relacionados e que a educação não pode ser considerada uma cessão entre os dois, ou a imposição de um sobre o outro. Dizem que a definição psicológica da educação é estéril e formal - que nos dá somente a idéia de um desenvolvimento de todos os poderes mentais sem nos oferecer qualquer noção de como utilizá-los. Por outro lado, afirma-se que a definição social da educação, como ajustamento à civilização, faz dela um processo forçado e externo, e resulta na subordinação da liberdade do indivíduo a um status social e político pré-concebido.

Acredito que cada uma dessas objeções é verdadeira quando relativa a um lado isolado do outro. Para que possamos saber o que um poder realmente é, devemos saber qual o seu fim, uso ou função; e não podemos saber isso a não ser que consideremos o indivíduo como um ser ativo nos relacionamentos sociais. Mas, por outro lado, o único ajustamento possível que podemos oferecer à criança sob as condições existentes é aquele que surge quando oferecemos a ela a posse completa de todos os seus poderes. Com o advento da democracia e das condições industriais modernas, é impossível prever definitivamente como a civilização será daqui a vinte anos. Por conseguinte, é impossível preparar a criança para qualquer conjunto preciso de condições. Prepará-la para a vida futura significa dar-lhe o comando de si mesma; significa treiná-

la de forma a ter o uso completo e pronto de todas as suas capacidades; que seus olhos, ouvidos e mãos sejam ferramentas prontas para comandar, que seu julgamento seja capaz de compreender as condições sob as quais deve trabalhar, e que suas forças executivas sejam treinadas para agir econômica e efetivamente. É impossível atingir esse tipo de ajustamento sem considerar os próprios poderes, gostos e interesses do indivíduo - isto é, quando a educação for continuamente convertida em termos psicológicos.

Em suma, acredito que o indivíduo a ser educado é um indivíduo social, e que a sociedade é uma união orgânica de indivíduos. Se eliminarmos o fator social da criança, nos restará apenas uma abstração; se eliminarmos o fator individual da sociedade, nos restará somente uma massa inerte e sem vida. A educação, portanto, deve se iniciar com uma percepção psicológica das capacidades, interesses e hábitos da criança. Deve ser controlada em todos os pontos por uma referência a essas mesmas considerações. Esses poderes, interesses e hábitos devem ser continuamente interpretados - devemos saber o que eles significam. Devem ser traduzidos em termos dos seus equivalentes sociais - em termos das suas capacidades no âmbito do serviço social.

Artigo II. O que é a Escola

Acredito que a escola é primariamente uma instituição social. Sendo a educação um processo social, a escola é simplesmente a forma de vida em comunidade, na qual aquelas agências estão concentradas, que será a mais efetiva em fazer com que a criança compartilhe dos recursos herdados da raça, e use seus próprios poderes para fins sociais.

Acredito que a educação, portanto, é um processo de vivência, não uma preparação para a vida futura.

Acredito que a escola deve representar a vida presente - uma vida tão real e vital para a criança como a que ela tem na sua casa, na vizinhança, ou no parque.

Acredito que a educação que não ocorre através de formas da vida, ou de formas que valem a pena ser vividas por si mesmas, é sempre uma substituta pobre da genuína realidade, e tende a limitar e a enfraquecer.

Acredito que a escola, como instituição, deve simplificar a vida social existente; deveria reduzi-la, por assim dizer, a uma forma embrionária. A vida existente é tão complexa que a criança não pode ser posta em contato com ela sem ficar confusa ou distraída; ela ficará ou estupefata pela multiplicidade de atividades que estejam acontecendo, fazendo com que ela perca seu próprio poder de reação ordenada, ou será tão estimulada por essas variadas atividades que seus poderes serão prematuramente levados à atividade, e ela se tornará indevidamente especializada ou simplesmente desintegrada.

Acredito que, como vida social simplificada, a vida escolar deveria se desenvolver gradualmente a partir da vida doméstica; que deveria adotar e continuar as atividades com as quais a criança já esteja familiarizada no seu lar.

Acredito que deveria exibir essas atividades à criança, e reproduzi-las de tal modo que a criança aprenda gradualmente o significado delas, e se torne capaz de representar seu próprio papel em relação a elas.

Acredito que isso é uma necessidade psicológica, porque é o único modo de assegurar a continuidade do crescimento da criança, a única forma de fornecer o pano de fundo da experiência passada às novas idéias apresentadas na escola.

Acredito também que é uma necessidade social, porque o lar é a forma de vida social na qual a criança foi criada e onde teve seu treinamento moral. É dever da escola aprofundar e aumentar o senso dos valores ligados à vida doméstica.

Acredito que grande parte da educação moderna falha porque negligencia esse princípio fundamental da escola como uma forma de vida em comunidade. Ela concebe a escola como um lugar onde certas informações devem ser fornecidas, onde certas lições devem ser aprendidas, ou onde certos hábitos devem ser formados. Concebe-se que o valor disso está amplamente em um futuro remoto; a criança deve fazer essas coisas em razão de algo mais que ela deve realizar; são uma mera preparação. Como resultado, elas não se tornam parte da experiência de vida da criança e, por isso, não são verdadeiramente educativas.

Acredito que a educação moral está centrada nessa concepção da escola como modo de vida social, que o melhor e mais profundo treinamento moral é precisamente aquele que adquirimos através de relações apropriadas com os outros, numa unidade de trabalho e pensamento. Os sistemas educacionais atuais, enquanto destroem ou negligenciam essa unidade, dificultam ou impossibilitam qualquer treinamento moral genuíno e regular.

Acredito que a criança deve ser estimulada e controlada em seu trabalho através da vida da comunidade.

Acredito que, sob as condições existentes, demasiado estímulo e controle procedem do professor, em razão da negligência da idéia da escola como forma de vida social.

Acredito que o lugar e o trabalho do professor na escola devem ser interpretados a partir da mesma base. O professor não está na escola para impor certas idéias ou para formar certos hábitos na criança, mas está lá como membro da comunidade para selecionar as influências que devem afetar a criança, e para assisti-la a responder apropriadamente a essas influências.

Acredito que a disciplina da escola deve proceder a partir da vida da escola como um todo, e não diretamente do professor.

Acredito que o dever do professor é simplesmente determinar, com base na experiência mais ampla e na sabedoria mais madura, como a disciplina da vida deve chegar até a criança.

Acredito que todas as questões da avaliação da criança e de sua promoção devem ser determinadas tendo como referência o mesmo padrão. As avaliações são úteis até

o ponto em que testam o preparo da criança para a vida social e revelam o lugar no qual ela pode ter mais utilidade e onde pode receber o maior auxílio.

Artigo III. O Conteúdo da Educação

Acredito que a vida social da criança é a base da concentração, ou correlação, em todo o seu treinamento ou crescimento. A vida social fornece a unidade inconsciente e o pano de fundo de todos os seus esforços e todas as suas conquistas.

Acredito que o conteúdo do currículo escolar deveria marcar uma diferenciação gradual a partir da unidade inconsciente primitiva da vida social.

Acredito que violamos a natureza da criança e dificultamos a obtenção de melhores resultados éticos ao introduzi-la demasiado abruptamente a vários estudos especiais, leituras, escrita, geografia, etc., fora de uma relação com essa vida social.

Acredito, portanto, que o verdadeiro centro da correlação nos assuntos da escola não é ciência, nem literatura, nem história, e nem geografia, mas as próprias atividades sociais da criança.

Acredito que a educação não pode ser unificada no estudo da ciência, ou do chamado estudo da natureza, porque, separada da atividade humana, a própria natureza não é uma unidade; a natureza em si mesma é um número de diversos objetos no espaço e no tempo, e tentar torná-la o centro do trabalho por si só é introduzir o princípio da irradiação, ao invés da concentração.

Acredito que a literatura é uma interpretação e expressão reflexa da experiência social; e que, portanto, deve se desenvolver a partir dessa experiência, e não precedê-la. Não pode, portanto, ser tomada como base, apesar de poder ser o resumo da unificação.

Acredito novamente que a história tem valor educativo até o ponto em que apresenta as fases da vida social e do crescimento. Deve ser controlada por referências à vida social. Quanto tomada simplesmente por história, é jogada de volta a um passado distante e se torna morta e inerte. Considerada como um registro da vida social e do progresso do homem, fica cheia de significado. Acredito, no entanto, que só pode ser assim considerada quando a criança for também introduzida diretamente à vida social.

Acredito, conseqüentemente, que a base primária da educação está nos poderes ativos da criança, nas mesmas linhas construtivas gerais daqueles que atuaram na formação da civilização.

Acredito que a única forma de conscientizar a criança de sua herança social é torná-la capaz de realizar os tipos fundamentais de atividade que fazem da civilização o que ela é.

Acredito, portanto, que as chamadas atividades expressivas ou construtivas são o centro da correlação.

Acredito que isso fornece o padrão para o lugar que o treinamento manual, a cozinha, a costura etc. devem ter na escola.

Acredito que eles não são estudos especiais que devem ser introduzidos depois e sobre todos os outros como uma forma de relaxamento ou alívio, ou como conquistas adicionais. Ao invés disso, acredito que representam, como símbolos, formas fundamentais da atividade social; e que é possível e desejável que a introdução da criança aos assuntos mais formais do currículo se dê por meio dessas atividades.

Acredito que o estudo da ciência é educacional até o ponto em que revela os materiais e processos que fazem a vida social ser o que é.

Acredito que uma das maiores dificuldades no ensino atual da ciência é que o material é apresentado de uma forma puramente objetiva, ou é tratado como uma nova e peculiar forma de experiência que a criança pode acrescentar àquelas que já possui. Na verdade, a ciência tem valor porque dá a habilidade de interpretar e controlar a experiência já adquirida. Não deveria ser introduzida tanto como um novo assunto, mas como algo que mostrasse os fatores já envolvidos em experiências passadas e que fornecesse ferramentas com as quais aquela experiência poderia ser mais fácil e efetivamente regulada.

Acredito que atualmente perdemos muito do valor dos estudos da literatura e da linguagem por causa da eliminação do elemento social. A linguagem é quase sempre tratada nos livros de pedagogia simplesmente como a expressão do pensamento. É verdade que a linguagem é um instrumento lógico, mas é primária e fundamentalmente um instrumento social. É o instrumento da comunicação; é a ferramenta através da qual um indivíduo passa a partilhar das idéias e sentimentos dos outros. Quando tratada simplesmente como uma forma de adquirir informação individual, ou como um meio de exibir o que se aprendeu, perde seu motivo e fim social.

Acredito, portanto, que não há uma sucessão de estudos no currículo escolar ideal. Se a educação é vida, a vida como um todo tem, desde o início, um aspecto científico, um aspecto artístico e cultural, e um aspecto de comunicação. Não pode, portanto, ser verdade que os assuntos adequados para uma série sejam meras leituras e escritas, e que, numa série posterior, a leitura, ou literatura, ou a ciência possam ser introduzidas. O progresso não está na sucessão de estudos, mas no desenvolvimento de novas atitudes para com as experiências, e novos interesses por elas.

Acredito, finalmente, que a educação deve ser concebida como uma reconstrução contínua da experiência; que o processo e o objetivo da educação são uma e única coisa.

Acredito que estabelecer qualquer fim fora da educação, como fornecer seu objetivo e padrão, é desprover o processo educacional de grande parte do seu significado, e isso tende a nos fazer buscar apoio em estímulos falsos e externos ao lidar com a criança.

Artigo IV. A Natureza do Método

Acredito que o problema do método é no fundo redutível à questão da ordem do desenvolvimento dos poderes e interesses da criança. A lei para a apresentação e tratamento do material é a lei implícita na própria natureza da criança. Em razão disso, acredito que as seguintes declarações são de suprema importância para determinar o espírito no qual a educação é conduzida:

1. Acredito que o lado ativo precede o passivo no desenvolvimento da natureza da criança; que a expressão vem antes da impressão consciente; que o desenvolvimento muscular precede o sensorial; que os movimentos vêm antes das sensações conscientes; acredito que a consciência é essencialmente motora ou impulsiva; que os estados de consciência tendem a projetar a si mesmos na ação.

Acredito que a negligência desse princípio é a causa de grande parte da perda de tempo e forças nos trabalhos escolares. A criança é jogada em uma atitude passiva, receptiva ou absorvente. As condições são tais que não lhe é permitido seguir a lei da sua natureza; o resultado é fricção e desperdício.

Acredito que as idéias (processos intelectuais e racionais) também resultam da ação e se transmitem em razão de um melhor controle da ação. O que nós denominamos razão é primariamente a lei da ação ordenada ou efetiva. Tentar desenvolver os poderes de raciocínio, os poderes de julgamento, sem referência à seleção e organização dos meios em ação é a falácia fundamental nos nossos métodos atuais de lidar com esse problema. Como resultado, apresentamos à criança símbolos arbitrários. Os símbolos são uma necessidade no desenvolvimento mental, mas têm o seu lugar como ferramentas para economizar esforço; apresentados sozinhos, são uma massa de idéias arbitrárias e sem significado impostas exteriormente.

2. Acredito que a imagem é o grande instrumento de instrução. O que uma criança adquire de qualquer assunto que lhe seja apresentado são simplesmente as imagens que ela mesma forma em relação a esses assuntos.

Acredito que se nove décimos da energia atualmente direcionada a fazer com que a criança aprenda certas coisas fosse gasta para assegurar que ela esteja formando imagens adequadas, o trabalho de instrução seria indefinidamente facilitado.

Acredito que grande parte do tempo e atenção hoje dedicados à preparação e apresentação de lições poderia ser mais sábia e lucrativamente gasto no treinamento do poder imaginativo da criança e em assegurar que ela está continuamente formando imagens definidas, vívidas e crescentes dos vários assuntos com os quais ela entra em contato na sua experiência.

3. Acredito que os interesses são os sinais e sintomas de um poder crescente. Acredito que representam capacidades nascentes. Portanto, a observação constante e cuidadosa dos interesses é da maior importância para o educador.

Acredito que esses interesses devem ser observados como medidores do estado de desenvolvimento que a criança alcançou.

Acredito que eles profetizam o estágio no qual a criança está prestes a entrar.

Acredito que é só através da observação contínua e compreensiva dos interesses da criança que o adulto pode adentrar a vida da criança e ver para o que ela está pronta, e com qual material ela poderia trabalhar mais pronta e proveitosamente.

Acredito que esses interesses não devem ser ridicularizados nem reprimidos. Reprimir um interesse é substituir a criança pelo adulto, o que enfraquece a curiosidade intelectual e a vigilância, suprime a iniciativa e anestesia o interesse. Ridicularizar os interesses é substituir o transitório pelo permanente. O interesse é sempre o sinal de um poder subjacente; o importante é descobrir esse poder. Ridicularizar o interesse é falhar em penetrar abaixo da superfície, e isso resulta seguramente na substituição de interesses genuínos por caprichos e excentricidades.

4. Acredito que as emoções são o reflexo das ações.

Acredito que esforçar-se para estimular as emoções separadamente das suas atividades correspondentes é introduzir um estado mental prejudicial e mórbido.

Acredito que, se conseguirmos assegurar hábitos corretos de ação e pensamento, com referência ao bom, ao verdadeiro e ao belo, as emoções irão, na maior parte, cuidar de si mesmas.

Acredito que, enquanto estiver próxima da inatividade e da estupidez, do formalismo e rotina, nossa educação está ameaçada pelo mal enorme que é o sentimentalismo.

Acredito que esse sentimentalismo é o resultado inevitável da tentativa de divorciar o sentimento da ação.

Artigo V. A Escola e o Progresso Social

Acredito que a educação é o método fundamental de progresso e reforma sociais.

Acredito que todas as reformas que se fundamentam simplesmente na decretação de leis, ou na ameaça de certas penalidades, ou em alterações de arranjos mecânicos e exteriores, são transitórias e fúteis.

Acredito que a educação é uma regulação do processo de compartilhamento da consciência social; e que o ajuste da atividade individual à base dessa consciência social é o único método assegurado de reconstrução social.

Acredito que essa concepção considera corretamente tanto os ideais individuais quanto os sociais. É devidamente individual porque reconhece a formação de certo caráter como a única base genuína para uma vida correta. É social porque reconhece que esse caráter correto não deve ser formado meramente a partir do preceito, exemplo ou exortação individuais, mas a partir da influência de alguma forma de vida insti-

tucional ou comunitária sobre o indivíduo, e que o organismo social, através da escola como seu órgão, pode determinar resultados éticos.

Acredito que, na escola ideal, temos a reconciliação dos ideais individualistas e socialistas.

Acredito que o dever da comunidade para com a educação é, portanto, seu dever moral supremo. Através da lei e da punição, da agitação e discussão social, a sociedade se regula e se constitui de uma forma mais ou menos aleatória e casual. Através da educação, no entanto, a sociedade pode formular seus próprios propósitos, pode organizar seus próprios meios e recursos, e assim se modelar com assertividade e economia na direção em que deseja caminhar.

Acredito que, assim que a sociedade reconhecer as possibilidades que surgem com esse direcionamento, e as obrigações que essas possibilidades impõem, é impossível conceber os recursos de tempo, atenção e dinheiro que serão disponibilizados ao educador.

Acredito que cada um que se interesse pela educação deve insistir na escola como o interesse primário e mais efetivo do progresso e reforma sociais, para que a sociedade possa acordar e perceber o que a escola representa, e que seja estimulada a atender a necessidade de favorecer o educador com equipamentos suficientes e apropriados para realizar a sua tarefa.

Acredito que a educação assim considerada marca a união mais perfeita e íntima entre a ciência e a arte concebível pela experiência humana.

Acredito que a arte de dar desse modo forma aos poderes humanos, adaptando-os ao serviço social, é a arte suprema; uma arte que chama a seu serviço os melhores artistas; e que nenhuma percepção, simpatia, tato e poder executivo são grandes demais para tal serviço.

Acredito que, com o crescimento da ciência psicológica fornecendo percepções adicionais sobre a estrutura individual e as leis de crescimento; e com o crescimento da ciência social adicionando informações ao nosso conhecimento sobre a organização correta dos indivíduos, todos os recursos científicos podem ser utilizados para o propósito da educação.

Acredito que, quando a ciência e a arte se unirem dessa maneira, o objetivo mais importante da ação humana será alcançado; que os frutos mais genuínos da conduta humana serão estimulados e que o melhor serviço de que a natureza humana é capaz de realizar estará garantido.

Acredito, finalmente, que o educador não está envolvido simplesmente no treinamento dos indivíduos, mas na formação da vida social adequada.

Acredito que cada professor deve perceber a dignidade da sua vocação; que ele é um servo social diferenciado em razão da manutenção da ordem social adequada e da asseguuração do crescimento social correto.

Acredito que, dessa forma, o professor é sempre o profeta do Deus verdadeiro e o introdutor do verdadeiro reino de Deus.